

O LÚDICO COMO PROMOTOR DA APRENDIZAGEM E INCLUSÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ludic as promoter of learning and social inclusion in early childhood education

Morgana Valcanaia¹

Ana Clarisse Alencar Barbosa¹

Resumo: A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, constitui-se na fase educacional que desenvolve a educação de crianças na fase primordial do desenvolvimento humano. É nesta fase, a infância, que os indivíduos desenvolvem características e habilidades essenciais para a sua inserção social e a continuidade de seu desenvolvimento como ser humano. Estas habilidades dizem respeito aos aspectos cognitivos e emocionais, devendo ser consideradas e estimuladas para que a criança possa ter um aprendizado significativo. Mesmo diante desta realidade, ainda percebemos muitas dúvidas nos educadores com relação ao que trabalhar nesta importante fase do ensino. Uma das práticas de grande significado para o desenvolvimento dos seres humanos é a brincadeira. A brincadeira faz parte do desenvolvimento da criança e contribui para o seu aprendizado, bem como para o processo de inclusão escolar. Afinal, brincando a criança troca experiência e socializa com os demais. A brincadeira possibilita ricas aprendizagens na Educação Infantil e contribui para o processo de inclusão. Frente a esta realidade, o texto que segue traz as reflexões oriundas da pesquisa desenvolvida acerca das contribuições do lúdico para a Educação Infantil e para o processo de inclusão escolar.

Palavras-chave: Educação Infantil. Lúdico. Desenvolvimento.

Abstract: Early childhood education, the first stage of basic education, constitutes the educational period that develops the education of children in the primary stage of human development. It is at this stage, childhood, that individuals develop characteristics and skills essential for their social integration and continuity of development as a human being. These skills relate to cognitive and emotional aspects should be considered and encouraged, so child may has a significant learning. Even in the face of this reality, we still see many questions in the educators about what work in this important phase of education. One of the great significance of practices for the development of human beings is a joke. The game is part of child development and contributes to their learning, and to the process of school inclusion. After all, playing the child exchange experience and socializes with others. The game enables rich learning in early childhood education and contributes to the process of inclusion. Faced with this reality, the text that follows brings the reflections arising from the research conducted about the playful contributions to early childhood education and the process of school inclusion.

Keywords: Childhood education. Ludic. Development.

Introdução

Desde os primeiros dias de vida, brincar faz parte das crianças. A brincadeira é tão importante em nossas vidas que ela jamais deixa de existir; vez ou outra, até mesmo na terceira idade as pessoas brincam. Ao analisarmos a vida, principalmente a vida das crianças, verificamos que a maior parte do tempo elas passam brincando, tudo é brincadeira, seja na hora da alimentação, do banho e até mesmo na hora de dormir, independente de lugar e noção de tempo. Nós, adultos, precisamos acompanhar e orientar estes momentos e não privar as crianças de tais prazeres.

Todo os sentidos são desenvolvidos na criança por meio das brincadeiras, o que nos dá a certeza de que brincar é essencial para o seu viver. A primeira forma de cultura é brincar, e

¹Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Rodovia BR 470 - Km 71. n.º 1.040. Bairro Benedito. Caixa Postal 191. CEP 89130-000 - Indaial/SC. Fone (47) 3281-9000 - Fax (47) 3281-9090. Site: www.uniasselvi.com.br.

a cultura é o brincar, e a cultura é algo que nos pertence e é através dela que vivemos e nos expressamos.

Hoje o grande avanço da tecnologia impede nossas crianças de brincarem e, devido a isso, muitas crianças enfrentam vários problemas de saúde, como o sedentarismo. Devemos reconhecer que brincar é um fator de desenvolvimento muito importante, pois brincar não proporciona somente diversão, e sim, ensinamentos para toda a vida. Para tanto, cabe às instituições educacionais e educadores adequar as brincadeiras apropriadas para o desenvolvimento das crianças.

As necessidades especiais também fazem parte da vida de todo ser humano, porém nem sempre são fáceis de serem identificadas. Através do brincar, do incentivo, da variedade de brinquedos e do conhecimento sobre como utilizar tais recursos pedagógicos, podemos perceber sentimentos, necessidades e despertar a motivação dos educandos.

O presente artigo tem como objetivo reunir as informações importantes para o aprendizado através do brincar, demonstrar quais habilidades podem ser desenvolvidas na criança e quanto o brincar também é importante para as crianças com necessidades especiais, bem como avaliar de forma mais objetiva as maneiras mais corretas de aplicar as brincadeiras para as crianças.

Contribuem para esta pesquisa Kishimoto (1993) e Moyles (2002), que afirmam que brincar na escola motiva a aprendizagem [...]; e Santos (2009), que completa nos dizendo que as atividades lúdicas desenvolvem na criança diversas áreas de conhecimento, aprimoram habilidades motoras, assimilam valores, aprendem a dar e receber ordens, a emprestar seu brinquedo, ser tolerante, enfim, a criança aprende a ser sociável, e que para as crianças com necessidades especiais a variedade de brinquedos e a ludicidade facilitam a percepção de necessidades muitas vezes camufladas.

Este artigo tem como base a metodologia bibliográfica de estudo de vários autores, com diversas contribuições a respeito do tema abordado, que nos dará suporte para toda a pesquisa e apresentará os seguintes capítulos: O direito de brincar; A importância do brincar; O brincar e as necessidades especiais.

O direito de brincar

Por mais estranho que pareça, a criança nem sempre foi considerada como tal, ou ao menos não como concebemos atualmente. Até há algum tempo, a criança era tida como um adulto em miniatura. Não existiam, por exemplo, roupas para crianças, e sim roupas de adultos costuradas em tamanho menor.

Os livros de literatura infantil nada se pareciam com as literaturas atuais, tratavam de assuntos violentos e extremamente realistas. Nesta época, a Educação Infantil era somente no sentido de incumbir nas crianças as normas e as leis da sociedade.

Recorrendo-se à definição da palavra infância, oriunda do latim *infantia*, significa “incapacidade de falar”. Considerava-se que a criança, antes dos sete anos de idade, não teria condições de falar, de expressar seus pensamentos, seus sentimentos. Desde a sua gênese, a palavra infância carrega consigo o estigma da incapacidade, da incompletude perante os mais experientes, relegando-lhe uma condição subalterna diante dos membros adultos. Era um ser anônimo, sem um espaço determinado socialmente. Ao ser representada, principalmente através de pinturas, geralmente aparecia numa versão miniatura do adulto. Seus trajes não diferiam daqueles destinados aos já crescidos. Trata-se de crianças pelo fato de essas figuras se apresentarem em tamanho reduzido, embora com rostos e musculatura de pessoas maduras (COELHO; CORDEIRO, 2011, p. 13).

A criança era simplesmente desconsiderada, seus sentimentos e angústias não tinham valor para a sociedade, participavam de atividades consideradas de adultos e até mesmo de trabalhos braçais, não condizentes com sua idade e forma física. Desta forma, também a educação da época não tinha nada de infantil.

As crianças pobres simplesmente não tinham educação, e as nobres recebiam uma educação rígida e com metodologias avançadas para sua idade. Normalmente aprendiam ofícios para tornarem-se os futuros governantes da cidade em que viviam, bem como profissões de médicos e outras mais. Logo após essa distorção sobre o universo infantil, esclarecem Coelho e Cordeiro (2011, p. 4):

Delimitamos entre os anos de 1850 a 1950 como o momento do ápice da infância tradicional. Com o desenvolvimento das ciências humanas e consequente compreensão acerca desse período da vida humana, as crianças passaram a ser retiradas das fábricas e novamente inseridas em contextos promotores de aprendizagens sistematizadas, sendo as instituições educativas os locais mais apropriados para esses propósitos. Com a consolidação do protótipo de família em fins do século XIX, a responsabilidade dos genitores passou a assegurar mais responsabilidades com o bem-estar das crianças, garantindo os direitos que lhes assistem e maiores cuidados físicos. A noção de infância, agora, passa pelo crivo dos conceitos técnicos e científicos. Essa análise é respaldada e analisada à luz da Psicologia, da Sociologia, da Medicina, entre outros campos do saber, passando a emitir um parecer científico a respeito dessa fase da vida humana, adquirindo estas constatações uma maior respeitabilidade frente à sociedade.

É somente a partir desta constatação do sentimento de infância que nossa sociedade passa a considerar a criança como um ser com características próprias, precisando ser tratada como tal. As antigas concepções que destinavam aos pequenos (o mesmo tratamento dos adultos) foram sendo superadas, dando espaço a concepções lúdicas e condizentes com a realidade infantil.

Inúmeros estudiosos, como Piaget, Vygotsky, Froebel, entre tantos outros, passam a desenvolver teorias e experimentos que comprovam a importância do período infantil para o desenvolvimento humano. Tais teorias procuram desenvolver metodologias que sejam ideais para a Educação Infantil. Os estudiosos supracitados comprovaram, através de suas pesquisas e observações, que é na idade correspondente à Educação Infantil que a criança desenvolve habilidades e valores indispensáveis à sua inserção social.

Através das interações e das atividades motoras e cognitivas desenvolvidas na Educação Infantil, a criança aprende a conviver, a respeitar normas, desenvolve a lógica, a coordenação motora, entre outros fatores essenciais.

Pressionados pelos educadores e diante da evidência de que a Educação Infantil deveria deixar de ser apenas um refúgio para as crianças cujos pais trabalham fora de casa, os dirigentes da Educação Nacional aos poucos reconheceram a verdadeira importância da Educação Infantil para o desenvolvimento humano. Foram inúmeros movimentos e mudanças educacionais até que finalmente, em 1996, a Educação Infantil passou a ser definitivamente a primeira etapa da Educação Básica.

A expressão Educação Infantil e sua concepção como primeira etapa da educação básica está agora na lei maior da educação do país, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sancionada em 20 de dezembro de 1996. Se o direito de 0 a 6 anos à educação em creches e pré-escolas já estava assegurado na Constituição de 1988 e reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, a tradução deste direito em diretrizes e normas, no âmbito da educação nacional, representa um marco

histórico de grande importância para a Educação Infantil em nosso país. (RABELO, 2011, p. 12).

A partir desta nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), a Educação Infantil passa a fazer parte da Educação Básica, sendo gratuita e recebendo verba como as demais etapas da Educação Nacional. Deste momento em diante, mesmo que ainda não presenciemos esta realidade, a Educação Infantil deveria ser ministrada por educadores devidamente capacitados e remunerados de acordo com sua formação.

A LDB constitui-se no marco inicial para as lutas por uma educação infantil para todos, de qualidade e que respeite a formação integral das crianças. Através dela são discutidos fatores como planejamento, metodologias e o financiamento desta etapa educacional.

Depois de reconhecida por lei como etapa primordial para o desenvolvimento humano, a Educação Infantil é vista de outra forma por educadores e dirigentes nacionais. Faz-se necessário desenvolver uma metodologia que vá ao encontro das especificidades desta fase educacional e que garanta aprendizagens significativas.

A instituição de Educação Infantil tem o importante papel de inserir a criança em um contexto de mundo diversificado em valores, culturas, religiões; oferecer condições para que a criança aprenda a conviver com sua própria cultura, valorizando e respeitando as demais, isso serve para sua formação da cidadania, da dignidade, moralidade, formação de hábitos, valores e atitudes.

Os primeiros anos de vida são marcados por descobertas, experiências e aprendizagens que se dão, principalmente, por meio da interação. Por isso é importante explorar ao máximo a relação com os pequenos, sendo que os bebês têm necessidade de agir e aprender sobre o que nos rodeia. A brincadeira é a forma mais prática de inserir a criança no meio social, pois através da brincadeira a criança tem a oportunidade de interagir com o outro e, sobretudo, com o meio que a cerca. A brincadeira constitui-se em um direito da criança, e ela, enquanto ser humano em desenvolvimento, tem o direito de brincar e vivenciar experiências lúdicas em seu cotidiano.

A importância do brincar

Estudando o universo infantil e mesmo observando o dia a dia de nossas crianças na sociedade, percebe-se que através da brincadeira a criança desenvolve socializações e imagina um mundo que é só seu. A brincadeira dá a possibilidade de desenvolverem-se inúmeras características benéficas para a inserção social dos indivíduos.

Para Froebel, a educação mais eficiente é aquela que proporciona atividades, autoexpressão e participação social às crianças. Ele afirma que a escola deve considerar a criança como atividade criadora e despertar, mediante estímulos, as suas faculdades próprias para a criação produtiva. Sendo assim, o educador deve fazer do lúdico uma arte, um instrumento para promover e facilitar a educação da criança. A melhor forma de conduzir a criança à atividade, à autoexpressão e à socialização seria através do método lúdico (KISHIMOTO, 1993, p. 98).

Este despertar de estímulos deve ser desenvolvido desde os primeiros anos da Educação Infantil. Quanto mais proporcionarmos às nossas crianças situações lúdicas e de aprendizagem, simultaneamente mais estaremos proporcionando-lhes oportunidades para se desenvolverem integralmente.

Na Educação Infantil, deve-se facilitar a aprendizagem utilizando-se de atividades lúdicas que criem um ambiente agradável para favorecer o processo de aquisição de autonomia de

aprendizagem. Para tanto, o saber escolar deve ser valorizado socialmente e a aprendizagem e a interação devem ser processos dinâmicos e criativos através de jogos, brinquedos, brincadeiras e musicalidade.

Com a utilização desses recursos pedagógicos, o professor poderá utilizar-se, por exemplo, de jogos e brincadeiras em atividades de leitura ou escrita, devendo, no entanto, saber usar os recursos no momento oportuno, uma vez que as crianças desenvolvam o seu raciocínio e construam o seu conhecimento de forma descontraída.

As atividades lúdicas têm o poder sobre a criança de facilitar tanto o progresso de sua personalidade integral, como o progresso de cada uma de suas funções psicológicas, intelectuais e morais. Ao ingressar na escola, a criança sofre um considerável impacto físico-mental, pois, até então, sua vida era exclusivamente dedicada aos brinquedos e ao ambiente familiar.

Com as atividades lúdicas, espera-se que a criança desenvolva a coordenação motora, a atenção, o movimento ritmado, conhecimento quanto à posição do corpo, direção a seguir, entre outros; participando do desenvolvimento em seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais; desenvolva livremente a expressão corporal que favorece a criatividade, adquira hábitos de práticas recreativas para serem empregados adequadamente nas horas de lazer, adquira hábitos de boa atividade corporal, seja estimulada em suas funções orgânicas, visando ao equilíbrio da saúde dinâmica e desenvolva o espírito de iniciativa, tornando-se capaz de resolver eficazmente situações imprevistas.

A brincadeira deve ser utilizada como ferramenta de aprendizagem, entretanto, isso não significa dizer que deixar os alunos brincando para preencher espaços vagos no planejamento não é o mesmo que desenvolver uma metodologia lúdica. Para isso, o educador deve conhecer os diversos tipos de brincar, bem como integrá-los ao contexto educacional e à idade de seus alunos.

Conhecendo as formas de brincar

Reconhecida a necessidade de se implantarem metodologias lúdicas na Educação Infantil, é importante que o educador conheça as formas de brincar, bem como a maneira de avaliar os momentos de brincadeira.

Brincadeiras solitárias: brincar pode prender totalmente a atenção da criança. Há muito que explorar no mundo: forma, textura (áspero, liso, escorregadio), consistência (duro, macio), cor, gosto. Tudo deve ser explorado, sentido, cheirado, experimentado. No início do brincar significa isso, e a presença de outra criança não oferece nenhum interesse. Absorvido nas próprias atividades, separado de outras crianças, brinca com coisas diferentes. Frequentemente silenciosa, às vezes fala consigo mesma. Brincadeiras em paralelo. Brincar na presença do outro: antes de mostrar interesse nas brincadeiras de outras crianças, a criança que está brincando sozinha vai querer passar boa parte do tempo brincando ao lado de seus novos amiguinhos, sem fazer esforço para estabelecer contato. Contentar-se-á em brincar ao lado de outras crianças, “em paralelo” e se absorverá na sua própria atividade. No máximo defenderá seus brinquedos. A fala não é geralmente dirigida a ninguém em particular. Até é possível que as crianças brinquem em silêncio (MOYLES, 2002, p. 24).

Como vemos, tanto em grupo como solitária, a criança brinca e desenvolve importantes aprendizagens. Por isso, é importante deixar que a criança fique no seu canto quando ela achar melhor. Muitas vezes ela precisa deste tempo para descobrir o que a rodeia e mesmo para descobrir-se. Podemos dividir os tipos de brincar também como brincar livre e brincar dirigido.

O brincar livre é aquele em que as crianças escolhem de que e como vão brincar. O professor interfere apenas em momentos de conflito ou de perigo para as crianças.

Este brincar livre em nada impede que seja avaliado; pelo contrário, quando a criança brinca espontaneamente, ela extravasa inúmeros sentimentos e demonstra suas habilidades, observar estas brincadeiras proporciona ao educador uma rica avaliação.

Já no brincar dirigido, quem dita as regras é o educador. Ele estabelece o tipo de brincadeira, as regras a serem seguidas e se vai ser em grupo ou individualmente. No brincar dirigido, o professor interfere constantemente; afinal, as crianças precisam conhecer e respeitar regras.

Para Wolff (2008, p. 37-38), “o brincar é dividido em três tipos: brincar físico, que atinge o desenvolvimento motor amplo, motor fino e psicomotor e é realizado através de blocos de montar, blocos de encaixar, brinquedos para subir, entre outros; brincar intelectual envolve o desenvolvimento linguístico, científico, simbólico/matemático e criativo, sendo exemplos ouvir e contar histórias, brincar com culinária, casinha de boneca, pintura, entre outros; brincar social/emocional envolve o terapêutico, linguístico, repetitivo, empático, autoconceito, jogos, sendo exemplos: música, marionetes, animais de estimação, cantinhos diversos, jogos com números, as atividades devem ser repetidas.

Como vemos, são diversas formas de brincar. Cada qual deve ser aproveitada pelo educador conforme seus objetivos. Os cantinhos diversos devem ser desenvolvidos em sala de aula para que a criança possa vivenciar situações diversas e escolher o tipo de brincadeira.

O importante é desenvolver uma metodologia baseada no brincar e que seja avaliada integralmente. “Cada tipo de brincadeira destina-se ao desenvolvimento de habilidades e características essenciais aos pequenos” (SANTOS, 2009, p. 17).

O educador deve conhecer cada brincadeira, saber o momento de utilizá-la para tornar as aprendizagens dinâmicas e significativas. Aprender brincando deve ser uma prática descontraída e condizente com a etapa do desenvolvimento pelo qual ela está passando. Em cada idade a criança tem a necessidade de determinadas brincadeiras e atividades. Cada momento lúdico deve ser observado e avaliado pelo educador para que ele possa diagnosticar as vantagens de cada brincadeira.

As contribuições da brincadeira para o processo inclusivo

Como podemos constatar, a brincadeira é uma característica própria do desenvolvimento infantil. Por meio das brincadeiras, as crianças aprendem inúmeras coisas e desenvolvem habilidades diversas. O ato de brincar contribui para ricas socializações e torna o aprendizado mais significativo.

Acreditar que a Educação Infantil é tudo significa "tudo aprender e tudo fazer para que esse trajeto educacional se torne realidade" (ANTUNES apud MACEDO, 2004, p. 13). Assim, a Educação Infantil deve ser entendida como fase essencial para o desenvolvimento dos indivíduos. Nesta fase educacional, os profissionais podem economizar esforços para tornar as práticas significativas. Devem identificar os melhores métodos, as melhores formas para despertar o desenvolvimento integral dos pequenos.

A educação deve se voltar para a busca de um modo mais saudável de aprender, permitindo às crianças uma interação lúdica que garanta felicidade, prazer, satisfação e vontade de aprender, desempenhando como elemento principal o desenvolvimento físico, cognitivo, motor e psicológico infantil (CAVALCANTE, 2009, p. 26).

“O processo de inclusão escolar deve ser desenvolvido de forma dinâmica e significativa, em que o aprendizado se dá, sobretudo, por meio das socializações” (ROSA, 2008, p. 2).

Desta forma, podemos entender também que no processo inclusivo a brincadeira pode contribuir para alcançarmos os objetivos estabelecidos.

A inclusão escolar deve constituir-se de atividades motivadoras, como na Educação Infantil, o aluno a ser incluído também necessita de uma atenção especial e de atividades concretas. Este brincar, no entanto, não pode ser um ato isolado, mas, sim, uma parte do planejamento escolar interligada às demais. A brincadeira serve como método de ensino, em que os conteúdos escolares são expostos através de jogos diversos, que tornam a aprendizagem mais dinâmica e significativa. “Toda criança tem direito à aprendizagem, e este direito deve ser assegurado mesmo dentro de uma diversidade existente em sala de aula” (ROSA, 2008, p. 4).

Este direito de aprender pode ser contemplado através das práticas lúdicas. Incluir, independente das limitações do aluno, significa proporcionar-lhe aprendizagens significativas e socializações que lhe permitam um contato e uma troca de experiências com o outro. A brincadeira é uma ferramenta que estimula esta troca e que permite o desenvolvimento de múltiplas habilidades.

O que significa incluir na Educação Infantil?

A criança, quando chega à instituição de Educação Infantil, traz consigo inúmeras experiências, adquiridas desde o ventre materno, perpassando sua convivência familiar e arraigadas de fatores oriundos das socializações com os grupos com os quais convive. A creche ou pré-escola, por sua vez, deve possibilitar um ambiente que a inclua, independentemente de suas especificidades, dando-lhe segurança em sua nova caminhada.

A inclusão social nem sempre esteve presente em nossa sociedade, pelo contrário, é um fato novo se compararmos a própria história da humanidade. Entretanto, atualmente, temos que refletir sobre este conceito de inclusão. Afinal, este está ligado diretamente com outro conceito próprio da sociedade atual: a diversidade.

Incluir é gesto que considera a existência do outro, reconhece que há outras perspectivas além da sua ou do padrão dominante, com sua versão única de verdade, beleza, normalidade etc. Incluir é atividade na qual todos se transformam, e sem que ninguém desapareça! (ROSA, 2008, p. 8).

Atualmente, percebemos que, muitas vezes, o conceito de diversidade é simplesmente desconsiderado pelas pessoas. Busca-se um ideal de beleza e padrão estático que na verdade não existe. Esta busca incessante pela perfeição causa, muitas vezes, inúmeros desequilíbrios em nossa sociedade e na saúde da população.

Muitas vezes, a pessoa se sente excluída por não possuir este padrão estético divulgado na mídia. Este é um grande empecilho para a efetivação das práticas inclusivas.

Quem tem medo da diferença e se sente ameaçado por ela, não se dispõe ao encontro, à transformação, à afirmação do que se é e do que o outro é para construir algo novo, um novo lugar, um ponto de chegada que não é o mesmo, mas outro. Inclusão é resultado do gesto de incluir que faz com que todos se sintam acolhidos em suas singularidades para contribuir com o todo na realização da missão do grupo e da instituição. Inclusão surge na interação e a fortalece, ampliando as possibilidades de cooperação entre as pessoas, de resolver conflitos e de chegar a um bom termo em relação aos desafios (ROSA, 2008, p. 10).

Assim, os conceitos de diversidade e inclusão se encontram quando as pessoas aceitam o próximo do jeito que ele é e ainda se aceitam a si mesmas do jeito que são. Isto não significa que a pessoa não possa buscar práticas que melhorem sua aparência, pelo contrário, autoestima

e saúde corporal são essenciais para a qualidade de vida das pessoas. Cabe, sim, discernir quais métodos a serem utilizados para se atingir estes resultados. A ética sobre como proceder nestes casos deve partir tanto da pessoa que busca a melhora de sua aparência como do indivíduo ou instituição que fornecerá este serviço.

Ao recebermos no ambiente escolar infantil crianças repletas de diversidade e de culturas variadas, devemos definir práticas que socializem estas diversidades e que valorizem o que o aluno traz das suas experiências alheias ao ambiente escolar. A brincadeira, entretanto, constitui-se em uma prática comum às crianças; desta forma, ela pode e deve ser utilizada como uma ferramenta de socialização.

Na verdade, a escola precisa, mais do que nunca, buscar a transformação das práticas pedagógicas, motivando o aluno a aprender através dela, considerando-a um ambiente relevante, necessário ao desenvolvimento de cidadãos críticos e que pensam no bem comum social (ALCOVA; FERNANDES, s. d., p. 4).

Brincando a criança troca suas experiências com o outro e adquire novas habilidades. Com relação ao processo de inclusão escolar, quando a criança apresenta alguma limitação, o brincar a auxilia na superação dos seus desafios e permite que ela se sinta parte integrante do ambiente escolar.

Considerações finais

Uma das fases mais importante do desenvolvimento humano é, comprovadamente, a infância. É nas idades correspondentes a esta fase que o indivíduo adquire características e habilidades fundamentais para sua consolidação como indivíduo social. É na infância que a criança desenvolve características relacionadas ao caráter e às habilidades motoras, matemáticas e linguísticas. A fase infantil pode definir como a criança agirá perante conflitos e obstáculos que surgirão no decorrer de sua vida.

Desta forma, devemos considerar a Educação Infantil não somente como a primeira etapa da Educação Básica, mas como a fase essencial para a educação dos indivíduos. Dentro desta perspectiva, devemos observar a forma como atuamos na educação das crianças nesta fase educacional. Os currículos desenvolvidos para esta fase de ensino devem ser planejados de acordo com as especificidades da infância e das necessidades da sociedade vigente.

A brincadeira constitui-se numa importante ferramenta para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças na Educação Infantil. Através da pesquisa relacionada às contribuições da brincadeira para o desenvolvimento e para a inclusão infantil, constatou-se que a brincadeira é essencial para que a criança extravase suas angústias e estimule suas habilidades.

A educação lúdica é uma oportunidade que a escola tem de vivenciar situações do dia a dia das crianças, abrangendo temas indispensáveis, como reciclagem, cidadania, família, solidariedade, respeito, entre tantos outros indispensáveis para o bem-estar da sociedade. Além disso, as aprendizagens concretizadas através de jogos e brincadeiras tornam-se mais significativas para os pequenos.

A brincadeira é uma maneira de tornar as aprendizagens mais dinâmicas e significativas. Muitos autores e estudiosos comprovam, através de pesquisas e discussões, que a brincadeira faz parte do universo infantil, e, portanto, é fundamental para a aprendizagem infantil. O brincar oportuniza importantes socializações e habilidades que auxiliarão a criança em sua inserção social e desenvolvimento como ser humano.

Referências

- ALCOVA, Antônio Carlos Agura; FERNANDES, Florilda Portilho. **As novas metodologias de educação**. s. d. Disponível em: <http://www.pessoal.utfpr.edu.br/mansano/arquivos/art_cofop24_florilda1.doc>. Acesso em: 6 jun. 2016.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. MEC, Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 6 jun. 2016.
- CAVALCANTE, Heila Sousa. **As contribuições das metodologias lúdicas para a aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas de Boa Vista-RR**. 2009. 54 f. Monografia. (Especialização em Psicopedagogia Institucional), Universidade Cândido Mendes, Boa Vista, 2009. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/43050.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2016.
- CORDEIRO, Sandro da Silva; COELHO, Maria das Graças Pinto. **Descortinando o conceito de infância na história: do passado à contemporaneidade**. Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/76SandroSilvaCordeiro_MariaPintoCoelho.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2016.
- KISHIMOTO, Tisiko Mochida. **Jogos infantis**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- MACEDO, Lino de. Faz de conta na escola: a importância de brincar. **Revista Pátio – Educação Infantil**. Ano 1, nº 3, dez./2003-mar./2004. Editora Artmed, p. 10-13.
- MOYLES, Janet R. **Só brincar: o papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- REBELO, Angela. **A educação infantil na nova LDB**. Disponível em: <diretoriodeartigos.com.br>. Acesso em: 8 maio 2011.
- ROSA, Maria Correa. **Avanços e desafios na construção de uma sociedade inclusiva**. Belo Horizonte: PUC MG, 2008.
- SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- WOLFF, Celi Terezinha. **Organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil**. Indaial: ASSELVI, 2008.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.
